

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

**VIVIANE SILVA DOS SANTOS**

**OS CONTOS DE FADA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO  
SUJEITO**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MEDIANEIRA**

**2012**

VIVIANE SILVA DOS SANTOS



**OS CONTOS DE FADA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO SUJEITO**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina de Metodologia da Pesquisa, do Curso de pós-graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Medianeira - Câmpus Medianeira.

Prof<sup>ª</sup>. M. Sc. Janete Santa Maria Ribeiro

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA  
2012



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de  
Ensino



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

### OS CONTOS DE FADA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO SUJEITO

Por

VIVIANE SILVA DOS SANTOS

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... de..... de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho .....

---

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Janete Santa Maria Ribeiro  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Camila Menoncin.  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Joice Maria Maltauro Juliano

UTFPR – Câmpus Medianeira

SANTOS, Viviane Silva dos. **OS CONTOS DE FADA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO SUJEITO**. 2012. 50 folhas. Monografia. (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

## RESUMO

Este trabalho teve como proposta discutir o aspecto utilitário que assume os contos de fada no processo de formação do sujeito, tendo como destaque a fase da infância. Para tanto faz um percurso em diversas análises desta literatura expondo o ponto de vista de autores estudiosos da área, esclarecendo dessa forma, a influência dos contos no entendimento dos conflitos internos da criança e sua possível solução, dando ênfase também na compreensão da estrutura da personalidade que está ligada a resolução destes conflitos. Em seguida esclarece a importância da fantasia no crescimento da criança e o significado dos símbolos nos contos de fadas. Os resultados obtidos com o presente trabalho é a influência positiva que os contos de fada exercem na vida da criança, no que diz respeito ao autoconhecimento, possibilitando dessa forma o relacionamento compreensível com a sociedade e com o outro.

**Palavras-chave:** conflitos internos – criança – literatura

## ABSTRACT

SANTOS, Viviane Silva dos. **THE FAIRY TALES IN THE PROCESS OF FORMATION OF SUBJECT.** 2012. 50 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

This work is proposed to discuss the utility aspect that takes fairy tales in the process of formation of the subject, especially that which its infancy. For much does a course in several analyzes of this literature expounding the views of scholars of the area, thereby clarifying the influence of stories in understanding the internal conflicts of the child and its possible solution, emphasizing also the understanding of the structure of personality which is linked to the resolution of these conflicts. Then explains the importance of fantasy in the child's growth and significance of symbols in fairy tales. The results obtained from this study is the positive influence that fairy tales play in a child's life, with regard to self-knowledge, thus enabling the comprehensive relationship with society and with the other.

**Keywords:** internal conflict - children - literature

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	10
2.1 A FUNÇÃO DOS CONTOS DE FADA NA VIDA DAS CRIANÇAS .....	14
2.2 BUSCANDO SIGNIFICADOS ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADA .....	16
2.3 REALIDADE VERSUS FANTASIA.....	19
2.4 BUSCANDO SIGNIFICADOS ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADA .....	21
2.5 A INFLUÊNCIA DOS CONTOS DE FADA NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE.....	22
2.6 A IMPORTÂNCIA DO SÍMBOLO NOS CONTOS DE FADA.....	26
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31
<b>ANEXOS</b> .....	32
<b>APÊNDICE</b> .....	46

## 1. INTRODUÇÃO

Quando lemos ou contamos histórias, entre elas os vários tipos de contos, fábulas ou poesias, para crianças ou mesmo para os adultos, se utilizarmos ferramentas lúdicas, podemos sentir imediatamente o interesse surpreendente dos ouvintes, olhos atentos e brilhantes, como se algo mágico imperasse naquele momento e que os transportassem para outro lugar, outro universo. Mas, por que isso acontece? Existirá de fato uma relação transformadora entre esse tipo de literatura e quem o lê, o sujeito?

Em primeiro lugar é importante deixar claro que, para uma leitura desenvolver o sentido de inovação e transformação é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes.

E quais seriam esses assuntos, que sem dúvida, estão relacionados ao processo de formação do sujeito, na sua identificação e na sua atuação no mundo como ser humano? São as paixões e as emoções humanas, a busca do autoconhecimento, a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos), a construção da voz pessoal, as inúmeras dificuldades em interpretar o outro, as utopias individuais, as utopias coletivas, a mortalidade, a sexualidade, a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”, a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas implicações), as questões éticas, a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto.

Tais temas e assuntos são da maior importância e complexidade para o autoconhecimento e não podem deixar de ser abordados. Afinal de contas, na vida concreta, todos os seres humanos, estão permanentemente num processo de aprendizado e busca de autoconhecimento. Um homem de 80 anos nunca teve 80 anos antes e por isso vai ter que aprender a lidar com essa nova situação. Um menino de nove anos vive um processo semelhante, e assim por diante.

Crianças, na vida concreta, inconscientemente ou não, buscam seu autoconhecimento e sua identidade, têm sentimentos e razão, sonham e se apaixonam, têm dúvidas, medos e prazeres, ficam perplexas diante da existência de

múltiplos pontos de vista, têm dificuldades em separar realidade e fantasia, são sexuadas e mortais. Em suma, são essencialmente seres humanos.

A Literatura ficcional possibilita a abordagem do contraditório, permite a identificação emocional entre a pessoa que lê e o texto e, assim, pode representar, um espaço para que certas especulações vitais - feitas pelo leitor, seja consigo mesmo, sejam com outras pessoas - possam florescer.

Crianças e adultos podem compartilhar experiências de vidas juntos, através da leitura literária, trocar ideias sobre assuntos dos qual ninguém pode “ensinar”, e, dessa forma, construir sua identidade, pois o texto literário estimula a repensar sobre a vida, e nossas atitudes em relação ao outro. Na realidade, toda obra literária para crianças pode ser lida pelo adulto, ao contrário, a literatura para adultos, só serve a eles. É, portanto, menos abrangente do que a infantil.

O campo da literatura é o mais amplo possível, pois, ela está voltada para “o conhecimento do mundo e do ser”. Por meio da sua capacidade de sintetizar e condensar a realidade por meio dos recursos da ficção, a leitura faz com que o leitor se reconheça e se descubra na observação de outras vidas, de outras realidades, que possuem muitos pontos que se aproximam e ao mesmo tempo se diferenciam da sua própria vida, de suas experiências cotidianas. Literatura ficcional mostra o mundo por dentro, pois a ela o que interessa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as formas de o homem pensar e sentir esse fato que o identifica com outros homens de tempos e lugares diversos. Em virtude disso podemos afirmar que a literatura poética e ficcional como leitura é a mais rica, a mais completa e a mais gratificante para o seu leitor (CANDIDO, 1981).

Por ser alimento para a alma e matéria-prima primordial no processo de construção de conhecimento humano, tal literatura preenche “certo vazio” quando tentamos entender o outro e a nós mesmos.

Para alguns estudiosos, o que chamamos “realidade” não passa, na verdade, de uma construção social e, por este viés, só conseguimos ver o que estamos socialmente condicionados a ver. Constantemente estamos sendo manipulados, principalmente, através da mídia. A televisão e o turbilhão de informações que recebemos constantemente da internet e outras classes de mídia, quase sempre nos deixam em posição passiva, não nos permitindo interagir com o “conhecimento”, nos delimita apenas a “engolir” falsos saberes e identificarmos com eles, forçando-nos a



criar uma falsa identidade, de acordo com seus interesses, na maioria das vezes comerciais, num processo totalmente mecanizado.

Todos nós humanos, especialmente as crianças, temos uma incomensurável necessidade de fantasiar, de imaginar, de criar mundos, de interagir com o outro. Por abordar o contraditório, a Literatura ficcional, em vez de trabalhar com personagens previsíveis pode apresentar ao leitor seres fictícios ancorados em características relevantes ao homem proporcionando-lhe assim, um mergulho num constante processo de modificação e empenho na construção de um significado para suas vidas. É da maior importância, que leitores, sejam eles crianças ou não, tenham acesso a essas personagens. São elas que permitem a verdadeira identificação entre a pessoa que lê e o texto. O livro estético (prosa ou poesia) proporciona ao leitor oportunidade de vivenciar histórias e sentir emoções, permitindo-lhe colocar em ação a capacidade de imaginar e ter uma visão mais crítica do mundo.

O principal motivo para escolha do tema desta pesquisa foi apresentar ao leitor a importância da leitura de textos ficcionais na vida do homem, por desempenharem em seu processo de formação a parte fundamental, a de humanização, proporcionando ao ser humano o autoconhecimento e as possibilidades de conhecer o outro, dessa forma, oportunizando também, mesmo na atual conjuntura, a construção de um mundo melhor e passivo de compreensão, uma sociedade livre de preconceitos, com o pressuposto que somos seres paradoxais e em eterno processo de transformação.

Pretendeu-se nesta pesquisa discutir o aspecto utilitário que assumem os contos de fada no processo de formação do sujeito, tendo como destaque a fase da infância. Para tanto ela faz um percurso em diversas análises desta literatura expondo o ponto de vista de autores estudiosos da área, esclarecendo dessa forma, a influência dos contos no entendimento dos conflitos internos da criança e sua possível solução, dando ênfase também na compreensão da estrutura da personalidade que está ligada a resolução destes conflitos. Em seguida esclarece a importância da fantasia no crescimento da criança e o significado dos símbolos nos contos de fadas.

Para o desenvolvimento deste trabalho optou-se pela pesquisa bibliográfica por se constituir de material já elaborado, como os livros. Os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica

reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

A pesquisa bibliográfica possibilita, na investigação do tema, a leitura de diversos gêneros literários assim como as obras de divulgação, isto é, as que objetivam proporcionar conhecimentos científicos e técnicos. Tais leituras ampliam o universo de pontos de vista interligando-os ao mesmo tempo no momento da elaboração do projeto.

De posse do material bibliográfico, iniciou-se sua leitura, com algumas considerações, ou seja, estabelecer relações entre as informações e dados obtidos com o problema proposto e analisar a consistência dessas informações apresentadas pelos autores. Segue com a leitura exploratória na qual englobará o estudo da introdução, prefácio, folha de rosto e dos índices da bibliografia.

Após a leitura exploratória, é feito a sua seleção, o material que de fato interessa à pesquisa tendo em mente os objetivos da pesquisa, posteriormente à leitura seletiva a leitura analítica, realizada com base nos textos selecionados e com o objetivo de ordenar e tomar notas das informações contidas nas fontes.

E por último a leitura interpretativa que se constitui em conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica, mediante a relação com outros conhecimentos já obtidos.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diariamente somos bombardeados por informações descartáveis e sem sentido para nossas vidas, obrigados quase sempre a aceitar tais informações como únicas e verdadeiras que não nos deixam opinar ou pensar sobre o que está sendo proposto, pois nos entregam tudo pronto, aliás, pronto para ser “digerido” e nos conformarmos. Mas, como seres humanos que somos, temos nossas angústias, nossas dúvidas, nossos pontos de vista variados e múltiplos, que nos põe em uma tremenda “contramão” de valores. Aceitamos valores impostos, mas não os valorizamos, assim, deixamos de construir nossa própria identidade, nossos valores reais e viver emancipadamente como sujeito consciente e construtor de sua própria vida e pensamento.

Constantemente buscamos o autoconhecimento e nossa identidade, temos sentimentos e razão, sonhamos e nos apaixonamos, temos dúvidas, medos e prazeres, ficamos perplexos diante da existência de múltiplos pontos de vista, as crianças têm dificuldades em separar realidade e fantasia, somos sexuadas e mortais. Em suma, somos essencialmente seres humanos. E sem dúvida, essa busca começa desde a infância, dando sequência na maioria das vezes durante a fase adulta se não somos conduzidos a tentar entender esse turbilhão de emoções.

Um dos caminhos indicado por vários estudiosos da área é o da leitura de ficcionais, porém, convém deixar claro que: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, e este se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida (Azevedo apud SOUZA, 2004).

Tal discurso por definição pode e deve ser subjetivo, devido a sua motivação estética; pode inventar palavras, pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer às figuras de linguagem, pode ser simbólico. Dessa forma, a literatura tende à plurissignificação, à conotação, consegue que diferentes leitores possam chegar a distintas interpretações. É possível dizer que quanto mais leituras um texto literário suscitar, maior será sua qualidade (Azevedo apud SOUZA, 2004).

A partir disso a Literatura ficcional nos concede um campo amplo de possibilidades de interagir com o mundo e com o outro, somos conduzidos a pensar nossas vidas e descobrir uma nova e verdadeira identidade, nada é imposto. Assim, esclarece (Lajolo apud SOUZA, 2004, p.20):

Para falar de literatura devemos compreender também que a sua maior relevância não se dá na transmissão de informações. Muito pelo contrário. Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um. Isso ocorre porque a literatura tem a autonomia para nomear o que quer que seja independentemente de se a coisa nomeada tenha existência ou não. Portanto, literatura é a porta aberta para tudo possível, pois, não se limita ao real.

A literatura ficcional estabelece um impacto como força humanizadora e não somente como um sistema de obras, como algo que exprime o homem e que atua na própria formação do homem, estabelece uma conexão entre o sujeito e seu próprio eu, dessa forma, se conhecendo, o homem passa a interessar-se pelo outro e sua maneira de viver, porque estará relacionando vivências e experiências, e inconscientemente adentrará num processo de socialização e civilização. (CANDIDO, 1981, p.94) se refere à função psicológica que é a primeira coisa que pode nos vir à mente quando pensamos em literatura:

A fruição e produção da literatura se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como individuo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a esta necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como as anedotas, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. No ciclo de divulgação do homem tudo isso culminou de certo modo nas formas impressas, divulgadas pelo livro, o folheto, o jornal, a revista, poema, conto, narrativa romanceada, romance (p.94).

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimentos, costumes, problemas humanos, fato, desejo de explicação, etc. Eis porque surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura na formação do homem.

Um grande número de mitos, contos e lendas são um modo fictício ou figurado de explicar o aparecimento e a razão de ser do mundo físico e da sociedade. Por isso

há uma relação curiosa entre a imaginação explicativa, que é a do cientista, e a imaginação fantástica, ou ficcional, ou poética, que é a do artista e do escritor.

Interessado em estudar a formação do espírito científico, Gaston Bachelard (1934) procurou investigar como ele ia surgindo duma espécie de progressiva depuração, a partir da ganga imaginativa do devaneio – que seria um estado de passividade intelectual a ser anulado. Mas aos poucos o devaneio lhe foi aparecendo, não apenas como etapa inevitável, ou solo comum a partir do qual se bifurcam reflexão científica e criação poética, mas a condição primária de uma atividade espiritual legítima. O devaneio seria o caminho da verdadeira imaginação, que não se alimenta dos resíduos da percepção e portando não é uma espécie de resto da realidade, mas estabelece séries autônomas coerentes, a partir dos estímulos da realidade. Uma imaginação criadora para além, e não uma imaginação reprodutiva ao lado para falar com ele.

O devaneio se incorpora à imaginação poética e acaba na criação de semelhantes imagens, mas o seu ponto de partida é a realidade sensível do mundo, ao qual se liga assim necessariamente (CANDIDO, 1981).

A referência a Bachelard serve neste contexto como amostra do laço literário entre imaginação literária e realidade concreta do mundo. Serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. Ao mesmo tempo a invocação desta impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando certo inculcamento que não percebemos. Isso significa que as camadas profundas da personalidade de um leitor podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lê e que atuam de maneira que não podem ser avaliadas. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança ou adolescente. Como se o ato da leitura implicara num mergulho na própria existência, (Guimarães Rosa, apud SOUZA, 2004, p. 80) declara que:

A existência é considerada um produto das determinações não apenas internas, mas externas aos sujeitos – no resgate dos significados já produzidos ao longo da vida e no confronto destes com a proposta feita pelo autor. No processo que se concretiza, o sujeito-leitor recupera seus conhecimentos e crenças, implementa seu raciocínio e se reorganiza internamente, marcado por uma nova interação.

Vista assim, a literatura torna-se uma experiência significativa e gratificante para o seu leitor, pois auxilia na ordenação de seu mundo e na busca de respostas para suas infinitas interrogações a respeito de si mesmo, do outro e da realidade que o cerca. Essa literatura, comprometida com o homem e com a vida, possibilita a ampliação dos horizontes do leitor a partir da reflexão e do questionamento da realidade.

A exemplo do mundo infantil, a brincadeira, o jogo, a fantasia, são formas utilizadas pela criança para explorar, conhecer e explicar o mundo. Com o auxílio da fantasia da imaginação a criança penetra mundos os mais desconhecidos e distantes em busca de respostas para suas inúmeras indagações. Por tudo isso, acredita-se que, nenhum outro texto pode realizar essa tarefa melhor do que a literatura dirigida para as crianças, uma vez que nela esses aspectos são igualmente considerados essenciais. Dessa forma, fica claro que a literatura ficcional amplia universos, estimula a imaginação, proporcionando um melhor conhecimento do mundo e de si própria (ZANCAN, 2005).

A criança busca na leitura, antes de qualquer coisa, o prazer, mas busca também respostas para as suas inúmeras indagações sobre a vida e os seres humanos, a vivência de emoções novas e gratificantes e sugestões alternativas para as suas inquietações diante da vida que se descortina à sua frente.

A leitura deve, pois, vir ao encontro do atendimento dos interesses e das necessidades do leitor, representando sua maneira de ser e de ver as coisas. Nesse caso, ela “desencadeia o processo de identificação do sujeito com os elementos da realidade representada, motivando o prazer da leitura” (Aguiar apud ZANCAN, 2005).

Por outro lado, a obra pode representar ao mesmo tempo uma ruptura com essa realidade, proporcionando ao leitor, o conseqüente questionamento das propostas inovadoras da obra lida, alargando-se o horizonte cultural do leitor. O dividendo final é o prazer da leitura, agora como apropriação de um mundo inesperado (Aguiar apud ZANCAN, 2005).

Exemplos maravilhosos de literatura que abarcam tantas propostas de conhecer a si próprio e instigar a imaginação criadora do homem são os contos e as poesias. Por exemplo, os contos de fadas que são narrativas cuja origem se perde no tempo e que vêm atravessando séculos após séculos, sempre encantando os seus leitores. Esses contos não perdem a sua atualidade porque tratam da essência humana, que é a mesma desde que o homem existe. Essas narrativas giram sempre

em torno de questões fundamentais que fazem parte da “problemática existencial” ou da “problemática social” do ser humano.

Tais contos apresentam situações de confronto entre o bem e o mal, a justiça e a injustiça, enfim, desafios que o herói precisa vencer para ter sucesso, e à medida que o herói vai superando os problemas, vencendo os obstáculos, ele vai crescendo, aprendendo a se conhecer e a lidar com as adversidades da vida; vai amadurecendo e se realizando plenamente como ser humano e conquistando a felicidade. Num verdadeiro processo de identificação o leitor infantil passará a se conhecer melhor e também a conhecer o mundo que o cerca.

A Literatura, enquanto universo ficcional é um elemento importante na autoconstrução do indivíduo. Ela dá forma a experiências que, muitas vezes, são desconcertantes para o leitor, ajudando-o a situar-se no mundo.

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade - mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. Estas histórias prometem à criança que, se ela ousar se engajar nesta busca atemorizante, os poderes benevolentes virão em sua ajuda, e ela o conseguirá. As histórias também advertem que os muito temerosos e de mente medíocre, que não se arriscam a se encontrar, devem se estabelecer numa existência monótona - se um destino ainda pior não recair sobre eles. (BETTELHEIM, 2002, p. 23)

Adversidades e obstáculos sempre existirão, são inevitáveis durante toda a vida do ser humano, tentar evitá-los não ajudará em nada em seu desenvolvimento, seja ele emocional, intelectual, profissional entre outros. Os contos de fadas demonstram que se, os problemas forem enfrentados sem intimidações, o alcance do êxito será garantido, e que ajudará a construir uma verdadeira identidade.

## 2.1 A FUNÇÃO DOS CONTOS DE FADA NA VIDA DAS CRIANÇAS

A característica especial dos contos de fadas é fazer o homem aprender a lidar com seus conflitos interiores e possibilitar a busca de uma solução para eles. A criança está exposta a cada momento de sua vida na sociedade em que vive e, para entender-se melhor dentro desta sociedade e ao outro, deverá desenvolver seus recursos interiores, dando significados aos inúmeros sentimentos que sente.

Exatamente porque a vida é constantemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para ser bem sucedida neste aspecto, a criança deve receber ajuda para que possa dar algum sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideia sobre a forma de colocar em ordem a sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida. Necessita de uma educação moral que de modo sutil e implícito conduza-a as vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos e abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto, e, portanto significativo, a criança encontra esse tipo de significado nos contos de fadas. (BETTELHEIM, 2002, p.5)

O poeta alemão (Schiller apud CANDIDO, 1981) escreveu: “há maior significados profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina”. Os contos de fada são narrativas cuja origem se perde no tempo e que vêm atravessando séculos após séculos, e continuam despertando o interesse de seus leitores num tempo tão diferente daqueles em que foram escritos simplesmente porque não perdem a sua atualidade, tratam da essência humana, que é a mesma desde que o homem existe.

Fala de medos, ansiedade, sonhos, desejos, busca da autorrealização, esperanças, sentimentos que causam inquietação nas crianças e nos jovens de hoje (FRANTZ, 2005). Apresentam situações entre o bem e o mal, a justiça e a injustiça, desafios que o herói precisa vencer para ter sucesso. Enquanto o herói supera seus problemas, vence obstáculos, ele vai evoluindo e crescendo, aprendendo, dessa forma a se conhecer e a lidar com as adversidades da vida, se realiza plenamente como ser humano e alcança a felicidade.

Os contos são apresentados por meio de uma linguagem simbólica ou de imagens, promovendo à criança a compreensão desses significados profundos que se ocultam na alma humana. Os contos de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem de imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual (BETTELHEIM, 2002).

Tal literatura oportuniza as crianças um processo de identificação, que vive profundamente situações na pele das personagens e com elas sofre, luta, se alegra e sai vitorioso no final. Dessa forma ela aprende a reconhecer as suas próprias dificuldades e como lidar com elas também. Aprende a se conhecer melhor, conhecer o outro e também o mundo que o cerca.



Ao contar contos de fadas a uma criança, o adulto estará proporcionando o momento que ela poderá se identificar através de grande ingenuidade captando, desta forma, o sentimento que a história carrega. A história do patinho feio, por exemplo, quando esta é contada todas as crianças que têm complexos de inferioridade esperam que no fim elas também se tornem princesas. Franz prossegue explicando que, isso funciona exatamente como deveria ser, o conto oferece um modelo para a vida, um modelo vivificador e encorajador que permanece no inconsciente contendo todas as possibilidades positivas da vida (FRANZ, 1990).

Essa é a mensagem que os contos de fadas transmitem às crianças de forma múltipla uma luta contra as dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana; e se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as pressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 2002, p. 6)

Outro aspecto digno de ser citado em relação à função dos contos de fada na vida das crianças é o estímulo à criatividade que proporcionam a elas, a criança que ouve histórias passa a recriar acima do que foi ouvido o seu mundo real e constrói novas possibilidades de interagir com o outro. Através da narrativa, a criança começa a entender o mundo ao seu redor e estabelecer relações com o outro – socialização. Consequentemente são mais criativas, se saem melhor no aprendizado e serão adultos mais felizes (Barbosa apud FRANTZ, 2005).

## 2.2 BUSCANDO SIGNIFICADOS ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADA

Consideremos como exemplo histórias de fadas nas quais uma criança derrota um gigante pela astúcia, gigante que lhe assusta ou mesmo lhe ameaça a vida. O fato de que as crianças intuitivamente compreenderem o que estes “gigantes” representam é ilustrado pela reação espontânea de uma criança de cinco anos (BETTELHEIM, 2002).

Encorajada pela discussão sobre a importância que os contos de fadas têm para as crianças, uma mãe venceu em contar histórias “sangrentas” e “ameaçadoras” para seu filho. A partir de suas conversas com ele, soube que o filho já tinha fantasias de comer gente ou de pessoas sendo devoradas. Então ela contou-lhe “João, o Gigante Matador”. A resposta dele no final da história foi: “Não existem coisas como gigantes, existe?”. E antes que a mãe pudesse dar a resposta reasseguradora que estava na ponta da língua – e que teria destruído o valor da história – ele continuou: “Mas há

coisas como gente grande, e elas são como gigantes”. Na amadurecida idade avançada de cinco anos, ele compreendeu a mensagem encorajadora da estória: embora os adultos pareçam gigantes assustadores, um menininho com astúcia pode vencê-los. (BETTELHEIM, 2002, p.26).

A criança confia no que o conto de fadas diz por que a vida de mundo aí apresentada condiz com a sua, deixa à fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que a estória revela sobre a vida e a natureza humana, dando asas ao seu pensamento animista permanecendo assim até a idade da puberdade, conforme relatos de Piaget, e assume que sua relação com o mundo inanimado forma um só padrão com as do mundo animado das pessoas.

No pensamento animista da criança todas as coisas e fenômenos naturais são dotados de alma e capazes de agir segundo uma finalidade, sol é vivo porque dá luz, a pedra está viva porque pode mover-se, consideram que esses elementos possuem espíritos semelhantes às pessoas e por isso pensam e sentem como elas. Para a criança não existe a separação entre os objetos das coisas vivas, e se tiver vida será parecida com a nossa, por esse motivo, espera respostas dos objetos que despertam curiosidade.

Como egocêntrica que é a criança espera que os animais falem das coisas significativas para ela, assim como fazem os animais nos contos de fadas, e da maneira como fala com seus pertences e brinquedos e se convence disso, mesmo que não o demonstre abertamente. Devido a esta inerente similaridade é natural que o homem possa se tornar num animal como “A Bela e a Fera” ou “Branca de Neves” em que o príncipe torna-se um sapo. (BETTELHEIM, 2002)

O conto “A Gata Borracheira” traz, na versão dos Irmãos Grimm, a princesa disposta a enfrentar as adversidades da vida encontrando refugio para suas dores no local onde a mãe foi enterrada, já na versão de Perrault a personagem da gata borralheira aparece submissa e passiva diante de tais adversidades, ou seja, uma mesma personagem de um mesmo conto, porém, com uma carga de significados distintos no que diz respeito de como enfrentar as dificuldades que a vida nos impõe.

Uma criança que ouça a versão de Perrault e que nunca ouvira a dos Grimm, obviamente que gostará. No entanto, quando analisada nota-se nela uma menina demasiadamente “bem comportada”, que nada faz para vencer as dificuldades da vida, que aceita seu presente cruel e se conforma isso.

Sempre maltratada pela madrasta e pelas irmãs, aceita a seu amargo destino da forma mais passiva possível. Depois de acabar o trabalho “refugiava-se ao canto da lareira, agachada sobre as cinzas” e... Fazia-o por vontade própria. Porém, isso não acontece na versão dos Irmãos Grimm: dorme nas cinzas porque a obrigam a isso. No dia do baile, a Gata Borralheira de Perrault “penteia as irmãs extremamente bem”, “aconselhou-as o melhor que soube”. Na versão dos irmãos Grimm também as penteia só que o faz a chorar (COSTA E BAGANHA,1989).

No termino da historia de Perrault acaba por perdoar as irmãs e por lhes pedir que “não deixassem de gostar dela”, quanto a isso (COSTA E BAGANHA,1989, p. 62), esclarecem que:

Não há criança nenhuma que viva a “rivalidade fraterna” desta forma. Quando sente que alguém lhe rouba o amor do pai ou da mãe, de fato o que a criança deseja é o seu desaparecimento, a sua destruição, o seu castigo. Uma criança que ouça esta versão de Perrault não encontrará grande saída para si. Sentir-se-á com certeza o pior dos meninos quando se compara com esta menina “boazinha”. Ajudar a criança a vencer este conflito é dar-lhe formas de ela conseguir acreditar que conseguirá sair dele, de ultrapassá-lo. Para tal, alguma coisa terá que fazer e essa tal coisa é crescer.

Portando a versão de Perrault não mostra este crescimento da Gata Borralheira. A única razão para ter havido uma mudança na sua vida foi ter aparecido a fada-madrinha. A Gata Borralheira não a sentiu como a figura protetora que a ajuda a enfrentar as adversidades da vida. Esta conclusão baseia-se em dois dados que a historia dá: não lhe pede para ir ao baile, é a fada que lhe pergunta se gostaria de ir... Quando a fada a manda buscar uma abóbora, embora a Gata Borralheira o faça de imediato, trá-la “sem perceber como é que uma abóbora a levaria ao baile”.

Toda esta magia tem algo de pouco mágico. A falta de crença da Gata Borralheira não é inerente de quem acredita nos poderes mágicos da madrinha. Esta atitude será incompreensível para uma criança porque, para ela, a transformação mágica das coisas é um fato completamente natural.

Na versão dos Irmãos Grimm nota-se toda a luta da Gata Borralheira para crescer, para ultrapassar o seu conflito com a madrasta e com as irmãs, para sair da situação em que vive.

## 2.3 REALIDADE VERSUS FANTASIA

O jogo, a brincadeira, a fantasia, são formas usadas pelas crianças para explorar, conhecer e explicar o mundo. Através da fantasia, da imaginação ela visualiza mundos os mais desconhecidos e longínquos em busca de respostas para suas inúmeras indagações. Por isso, acredita-se, que com o auxílio dos contos de fada essa tarefa se tornará menos ardorosa. Mesmo na mais aparente fantasia podemos encontrar elementos subjacentes de nossa realidade, expressos numa linguagem simbólica, transformada, como ressalta (Yunes apud FRANTZ 2005).

Quando a criança ouve um conto de fada ela vive o momento do pensamento mágico, por meio da fantasia e procura respostas para seus questionamentos sobre a realidade, ao mesmo tempo em que reelabora seus conhecimentos, modificando, dessa forma, sua relação com o outro.

A criança começa a fantasiar a partir de algum segmento de realidade mais ou menos corretamente observado, que lhe pode provocar ansiedades ou necessidades tais que ela seja carregada de roldão por elas. As coisas com frequência se tornam tão misturadas na sua mente que ela não é capaz, em absoluto, de classificá-las. Mas alguma ordenação é necessária para a criança voltar à realidade sem ser enfraquecida ou derrotada, mas fortificada por esta excursão nas suas fantasias.

Os contos de fadas, procedendo do mesmo modo que a mente infantil, ajudam a criança mostrando como uma clareza superior pode emergir (e realmente o faz) de toda esta fantasia. Estes contos, como a criança na sua própria imaginação, começam de um modo completamente realista: uma mãe dizendo à sua filha para ir sozinha visitar a avó (Chapeuzinho Vermelho); os problemas que um casal pobre está tendo para alimentar suas crianças (João e Maria); Quer dizer, a estória começa com uma situação real, mas um tanto problemática.

A criança quando confrontada com problemas do cotidiano que lhe cause perplexidade, em seu aprendizado, é estimulada a buscar soluções. Porém, como sua racionalidade ainda não exerce pleno domínio sobre seu inconsciente, a imaginação escapa, junto com ele, sob a pressão de suas emoções e conflitos não resolvidos. O conto de fadas assimila o estado psicológico mental da criança sem descrever semelhanças físicas dela, o que poderia assustá-la, ao contrário disso

oferece símbolos que ela poderá atribuir à sua própria realidade na tentativa de dissipar seus medos e aflições.

Os Irmãos Grimm não poderiam ter começado sua coleção de contos de fadas com uma frase mais expressiva do que a que introduz a primeira estória, "O Rei Sapo". Começa assim: "Nos velhos tempos, onde desejar ainda ajudava, vivia um rei cujas filhas eram todas lindas, mas a caçula era tão bonita que o próprio sol, que já viu muita coisa, ficava deslumbrado sempre que brilhava em seu rosto". Este início localiza a estória num tempo de contos de fadas específico, o período longínquo quando todos nós acreditávamos que nossos desejos podiam, senão mover montanhas, mudar nossos destinos; e quando, em nossa visão animista do mundo, o sol reparava na gente e reagia às situações. A beleza extraterrena da criança, a efetividade do desejo e o assombro do sol significam a absoluta singularidade deste evento. São as coordenadas que colocam a estória não no tempo ou no lugar da realidade externa, mas num estado da mente - o de ser jovem de espírito. Situando-se aí, o conto pode cultivar este espírito melhor do que qualquer outra forma de literatura (BETTELHEIM, 2002, p.66).

Seguindo este pensamento é produzido uma suspensão da lógica e da causalidade, e o inconsciente emerge, pois é o mais oculto e o mais familiar, podendo criar uma ansiedade impiedosa ou de maior esperança, nos levando de volta aos tempos mais distantes de nossas vidas. Lugares estranhos, antigos, distantes descritos nos contos que muitas vezes nos causam familiaridades e nos sugere uma viagem no universo de nossas mentes.

O conto de fadas, a partir de seu começo mundano e simples, arremessa-se em situações fantásticas. Mas por maiores que sejam os desvios - à diferença da mente não instruída da criança, ou de um sonho - o processo da estória não se perde. Tendo levado a criança numa viagem a um mundo fabuloso, no final o conto devolve a criança à realidade, da forma mais reasseguradora possível. Isto lhe ensina o que mais necessita saber neste estágio de desenvolvimento: que não é prejudicial permitir que a fantasia nos domine um pouco, desde que não permaneçamos presos a ela permanentemente. No final da estória o herói retorna à realidade - uma realidade feliz, mas destituída de mágica (BETTELHEIM, 2002).

Utilizando-se das viagens fantásticas no universo da mente, que os contos proporcionam, a criança cria habilidades para organizar os problemas inconscientes que a bloqueiam capacitando-se assim, a lidar com situações da realidade tangível.

Por esse motivo estórias realistas (que significam falsas para grande parte de sua realidade interna) não ajudarão a criança a resolver seus conflitos internos e entender a realidade, já que existe a necessidade da fantasia para esta tarefa que,

com os contos de fadas, não se torna tão árdua. Estórias realistas afastam a criança de sua realidade interna, e perde o crédito em si mesma esvaziando-a por se sentir fracassada em não entender tais estórias.

Tal evento pode levar a criança em sua fase adulta a sentir-se vazia e incompleta, por não ter tido a oportunidade de usar seu processo inconsciente para enriquecer sua realidade, podendo causar-lhe sérios transtornos, como a fuga da realidade odiando-a sob o uso de drogas, para compensar o que perdeu na infância.

Quando todos os pensamentos mágicos da criança estão personificados num bom conto de fadas a criança ficará cada vez menos engolfada pelo caos não manejável. (BETTELHEIM, 2002)

#### 2.4 RELAÇÃO DOS CONTOS DE FADA NO INSCONCIENTE E CONSCIENTE

**INSCONCIENTE** - Na Psicanálise parte mais profunda da estrutura mental humana, em que se dão processos psíquicos, impulsos e desejos, que escapam à consciência, porque estão censurados ou reprimidos. O inconsciente pode encerrar impulsos e desejos que nunca foram conscientes, isto é, nunca foram percebidos pela pessoa, ou então que, tendo chegado ao nível consciente em algum momento, foram censurados e voltaram ao inconsciente. Do conflito entre esses impulsos e a repressão que a consciência exerce sobre eles é que nascem as neuroses e as psicoses (dicionário).

(Sandromi apud FRANTZ, 2005, p. 50) cita um exemplo de inconsciente, sendo o personagem Emília nos contos de Monteiro Lobato:

Emília é, sem dúvida, a personagem mais importante de Lobato. Diz tudo o que pensa, transgredir todas as regras, contesta, ironiza. Ela é considerada alter ego do autor. Por ser uma boneca “ela está livre das obrigações sociais impostas pela educação às crianças. Representa desse modo os impulsos reprimidos” das crianças.

Em crianças ou em adultos o inconsciente é um forte determinante no comportamento, quando o inconsciente se reprime negando-se a entrar no campo da consciência, acontece que esta se sente forçada a manter um controle rígido sobre derivativos do inconsciente que parcialmente estarão sobrepujando a consciência, dessa forma a personalidade poderá ficar gravemente danificada. Porém, quando o conteúdo inconsciente tem, permissão de vir à tona e ser

analisado e trabalhado na imaginação, seus danos são potenciais, para o adulto ou criança.

Os contos de fada tornam este processo da entrada do inconsciente na consciência, menos árduo e penoso. Isso pode acontecer em devaneios prolongados quando a criança consegue reestruturar-se, reorganizar-se porque fantasia sobre elementos das histórias em resposta às pressões do inconsciente (BETTELHEIM, 2002). Dessa forma, passará a adequar elementos do inconsciente com as fantasias liberadas pelos contos de fadas e que estão em plena consciência, assim poderá lidar com seu conteúdo e aprenderá o seu valor.

Quase sempre a criança está sujeita a sentimentos de solidão e isolamento, o que a deixa muito ansiosa. Por esse motivo muitas vezes não consegue expressar seus sentimentos verbalmente e o faz indiretamente como o medo do escuro ou de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo, como por exemplo, roer as unhas.

O conto de fadas vê tudo isso com seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor, o amor pela vida e o medo da morte. Além de oferecer soluções sob formas que a criança pode apreender em seu nível de compreensão, os contos de fadas colocam o dilema de desejar viver eternamente ao concluir ocasionalmente: “E eles viveram felizes para sempre” - a criança não é enganada quanto a possibilidade de viver eternamente, porém, indica como pode ser extraído o impasse que limita nosso tempo nesta terra: construir uma relação satisfatória com a outra pessoa. Assim, o conto sugere que quando uma pessoa assim o fez alcançou o máximo em segurança emocional de existência e permanência de relação disponível para o homem; e isso poderá dissipar o medo pela morte (BETTELHEIM, 2002).

Nota-se a importância sobre edificar a boa relação com o outro, a necessidade de construir-se emocionalmente sob a aceitação do outro, e o que importa realmente são as boas relações, estruturas fortificadas de humanidade.

## 2.5 A INFLUÊNCIA DOS CONTOS DE FADA NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE

No início de seus trabalhos, Freud (1933) sugeria a divisão da vida mental em duas partes: consciente e inconsciente. A parte consciente seria pequena e insignificante, preservando apenas uma visão superficial de toda a personalidade. A

grande e poderosa porção inconsciente conteria os instintos, isto é, as forças propulsoras de todo comportamento humano.

Nos trabalhos posteriores, Freud reavaliou essa diferença simples entre o consciente e o inconsciente e propôs os conceitos de Id, Ego e Superego. O "ID", correspondente à sua noção inicial de inconsciente, seria a parte mais primitiva e menos acessível da personalidade. Freud dizia que era um caldeirão cheio de excitações fervescentes.

O id desconhece o julgamento de valores, o bem e o mal, a moralidade. As forças do id buscam a satisfação imediata sem tomar conhecimento das circunstâncias da realidade. Funcionam de acordo com o princípio do prazer, preocupadas em reduzir a tensão mediante a busca do prazer e evitando a dor.

O id contém a nossa energia psíquica básica, ou a libido, e se expressa por meio da redução de tensão. Assim, agimos na tentativa de reduzir essa tensão a um nível mais tolerável. Para satisfazer às necessidades e manter um nível confortável de tensão, é necessário interagir com o mundo real. Por exemplo: as pessoas famintas devem ir à busca de comida, caso queiram descarregar a tensão induzida pela fome. Portanto, é necessário estabelecer alguma espécie de ligação adequada entre as demandas do id e a realidade.

O ego serve como mediador, um facilitador da interação entre o id e as circunstâncias do mundo externo. O ego representa a razão ou a racionalidade, ao contrário da paixão irracional do id. Freud chamava o ego de *ich*, traduzido para o inglês como "I" ("Eu" em português). Enquanto o id anseia cegamente e ignora a realidade, o ego tem consciência da realidade, manipula-a e, dessa forma, regula o id. O ego obedece ao princípio da realidade, refreando as demandas em busca do prazer até encontrar o objeto apropriado para satisfazer a necessidade e reduzir a tensão.

O ego não existe sem o id; ao contrário, o ego extrai sua força do id. O ego existe para ajudar o id e está constantemente lutando para satisfazer os instintos do id. Freud comparava a interação entre o ego e o id com o cavaleiro montando um cavalo fornece energia para mover o cavaleiro pela trilha, mas a força do animal deve ser conduzida ou refreada com as rédeas, senão acaba derrotando o ego racional.

A terceira parte da estrutura da personalidade definida por Freud, o superego, desenvolve-se desde o início da vida, quando a criança assimila as regras de



comportamento ensinadas pelos pais ou responsáveis mediante o sistema de recompensas e punições. O comportamento inadequado sujeito à punição torna-se parte da consciência da criança, uma porção do superego. O comportamento aceitável para os pais ou para o grupo social e que proporcione a recompensa torna-se parte do ego-ideal, a outra porção do superego.

Dessa forma, o comportamento é determinado inicialmente pelas ações dos pais; no entanto, uma vez formado o superego, o comportamento é determinado pelo autocontrole. Nesse ponto, a pessoa administra as próprias recompensas ou punições. O superego representa a moralidade. Freud descreveu-o como o "defensor da luta em busca da perfeição - o superego é, resumindo, o máximo assimilado psicologicamente pelo indivíduo do que é considerado o lado superior da vida humana". Observe-se então, que, obviamente, o superego estará em conflito com o id. Ao contrário do ego, que tenta adiar a satisfação do id para momentos e lugares mais adequados, o superego tenta inibir a completa satisfação do id.

Assim Freud imaginava a constante luta dentro da personalidade quando o ego é pressionado pelas forças contrárias insistentes. O ego deve tentar retardar os ímpetos agressivos e sexuais do id, perceber e manipular a realidade para aliviar a tensão resultante, e lidar com a busca do superego pela perfeição. E, quando o ego é pressionado demais, o resultado é a condição definida por Freud como ansiedade.

Id: fonte de energia psíquica e o aspecto da personalidade relacionado aos instintos.

Ego: aspecto racional da personalidade responsável pelo controle dos instintos.

Superego: o aspecto moral da personalidade, produto da internalização dos valores e padrões recebidos dos pais e da sociedade.

No conto "Os Três Porquinhos" as ações do lobo e dos porquinhos baseiam-se no conceito que Freud deu às três estruturas da personalidade, afirmam que o conto dos três porquinhos fala-nos da luta entre o princípio do prazer e o princípio da realidade (COSTA E BAGANHA, 1989).

Lembrando o que afirmou Freud, o psiquismo tem por objetivo o prazer, a satisfação imediata das necessidades. Mas esta satisfação encontra no mundo exterior obstáculos sob a forma de exigências, proibições, sanções e regras sociais. Tentar ignorar estes obstáculos para obter prazer só traria más consequências que provocariam desprazer.

Sendo assim o ego aprende que é indispensável renunciar à satisfação imediata, suportar certos sofrimentos e renunciar em geral a certas fontes de prazer, dessa forma, seguirá o princípio da realidade que também busca o prazer, se for diferido e atenuado, tem a garantia que o contato com o real e a conformidade com as suas exigências dão.

Por toda a vida o ser humano se vê com dificuldades diante do prazer e a realidade, que nem sempre parecem querer ajustar-se por completo. Na fase de Jardim da Infância as dificuldades aumentam, é nesta fase que as proibições, as regras sociais e as sanções passam a ser interiorizadas, formando assim o Superego. A partir disso, os obstáculos à satisfação do prazer estão não só no que é exterior ao indivíduo (pais e outros em geral), mas também no que lhe é interior (Superego).

Alcançar o prazer com o mínimo de desconforto será o trabalho do Ego. Tendo em conta as exigências do mundo exterior, terá que conseguir satisfazer o Id sem afrontar o Superego. Por esse ângulo nota-se o esforço árduo que o Ego tem em criar a harmonia entre os dois, Id e Superego, pois servirá como ponte para que isso aconteça.

Na história de “Os Três Porquinhos” a luta entre o princípio do prazer e o da realidade é simbolizada pela luta entre o lobo e os porquinhos.

Selvagem e destruidor como o lobo é, simboliza então as forças inconscientes e devoradoras, das quais devemos aprender a defendermo-nos e as quais podemos vencer pela força do Ego. Tais forças a criança sente em si e que tal, como aconteceu com o terceiro porquinho, um dia vencerá.

A criança só vencerá quando construir uma casa que resista às investidas do lobo e quando não se deixar levar por ele. Esta casa que o porquinho constrói representa a “casa interior”, o Eu de cada um, donde virá a segurança futura que permite que cada um se defenda do seu lobo. A evolução que se sente na progressiva resistência das casas é o espelho da progressiva estruturação do Eu. Para conseguir a vitória sobre o seu lobo, a tarefa que compete à criança é crescer (COSTA E BAGANHA, 1989).

## 2.6 A IMPORTÂNCIA DO SÍMBOLO NOS CONTOS DE FADA

A riqueza simbólica da história dá-lhe uma maior consistência. Tal como acontece na versão de Perrault, toda a infelicidade da Gata Borralheira decorre da morte da mãe.

Na versão de Perrault, a morte da mãe parece ser a morte física, o seu desaparecimento para sempre. Não se nota qualquer ligação entre esta mãe que desaparece e a fada que mais tarde aparece. Nada faz sentir que entre elas existe qualquer elo, aparecem como dois acontecimentos isolados.

Na versão dos Irmãos Grimm esta morte tem um sentido diferente, ganha uma carga simbólica. “Se a mãe morre, isto significa, simbolicamente, que a filha toma consciência de que já não pode identificar-se com ela, mesmo que a relação positiva essencial e afetiva permaneça. A morte da mãe é, portanto o início do processo de individuação. A filha deseja tornar-se um ser feminino positivo, mas de uma forma pessoal, o que implica ter que atravessar muitas provas.

Esta mãe que morre não desaparece, continua presente em toda a história na árvore que a menina planta sobre o túmulo e rega com as suas próprias lágrimas. A mãe que morre é a mãe primária, a mãe plenamente gratificante. Desta forma resta a força da relação que cada um viveu com ela e é nessa força que radica o sentimento de confiança em nós próprios e nalguns outros, é ela que nos permite lutar contra as adversidades da vida.

Esta versão dos Grimm conta toda a luta que a Gata Borralheira tem que travar por si própria para se tornar uma pessoa capaz de estabelecer com os outros uma relação positiva, enriquecedora para ambas as partes. Esta luta é simbolizada pelas tarefas que a Gata Borralheira tem que cumprir.

Um das dessas tarefas – separar as lentilhas - são lhe dada pela madrasta. “Sempre que a bruxa impõe à mesma esta tarefa (separar grãos) é como se lhe dissesse que, se ela é capaz de fazer esta triagem, não cairá em seu poder, isto é, poder-se-á tornar uma pessoa independente afetivamente, autônoma”. O cumprir desta tarefa simboliza “tentar tomar consciência duma situação para discernir aquilo que significa tal ou tal afeto”. Esta tarefa que compete a cada um, que é pessoal, cada um a realiza à luz da sua experiência afetiva, isto é, à luz das relações afetivas que viveu e da forma como as viveu (COSTA E BAGANHA, 1989).

Todas as provas por que passou permitiram-lhe tornar-se ela mesma. Crescer. É esta a mensagem que o final da história revela à criança.

Na versão dos Grimm tem-se a sensação de que a Gata Borralheira vai crescendo com a história. Entre a menina que chora a mãe e a menina que casa com o príncipe muita coisa se passou, uma distância muito grande as separa. A árvore que cresce como que reflete em espelho o crescimento da Gata Borralheira. E exatamente este crescimento não é sentido na versão de Perrault. Os elementos que na sua história não aparecem fazem com que esta não dê à criança resposta à sua luta pelo sentido de vida.

Entre tantos autores, um que merece destaque, e que foi nascido em nosso país, Brasil, é o mestre da literatura infantil Monteiro Lobato, que traz carregado de símbolos os maravilhosos contos de O Sítio do Pica-Pau Amarelo, (FRANTZ, 2005) esclarece o que representa alguns personagens, por exemplo, Dona Benta, a vovó, é a dona do sítio.

É “uma velha de mais de sessenta anos... de cestinha de costura no colo e óculos de ouro na ponta do nariz... a mais feliz das vovós.” Ela representa o adulto que detém a autoridade sem ser autoritária. É culta e tem todas as informações de que as crianças necessitam. Em torno dela as crianças se reúnem todas as noites para ouvir histórias, conversar e discutir motivados por ela.

De certa forma, ela traz o incentivo à leitura para as crianças e possibilita à criança pensar sobre a vida sem ser manipulada, traz o momento de “discutir o assunto” e ouvi com prazer todas as sugestões.

A cozinheira negra tia Nastácia, como símbolo da cultura popular e que também conta histórias do nosso folclore para os habitantes do sítio. Sua sabedoria é intuitiva e vem da tradição. O conhecimento que vem dos livros é assunto para dona Benta, mas no conhecimento “das coisas práticas da vida Tia Nastácia é uma verdadeira sábia” (FRANTZ, 2005).

Outros personagens que merecem destaques são Narizinho e Pedrinho, pois eles juntamente com os demais personagens fantásticos, simbolizam o mundo infantil. São inteligentes, curiosos e espertos. Ávidos de aventuras e conhecimentos descobre a vida por meio das palavras de dona Benta, da bondade de tia Nastácia e de sua própria experiência.

Desta forma, com todos esses elementos ricos em simbologia, Lobato propõe a criação de um novo modelo de sociedade, na qual, por meio da reflexão e da ação

de pessoas inteligentes e criativas se possam construir um mundo melhor para todos, (FRANTZ, 2005).

A linguagem nos contos de fadas é feita através de uma estrutura simbólica, fugindo assim, da linguagem de todos os dias.

O “Era uma vez...”, “Há muito, muito tempo...”, sugerem que o que se vai seguir não pertence ao aqui e agora que nós conhecemos. Dessa forma, deixa claro que o universo dos contos é um universo regido por um tempo próprio, que não tem senão uma aparência muito distante com o tempo que indicam os relógios e onde o sono, por exemplo, podem durar sete anos seguidos. Isso simboliza que a criança, por alguns instantes, se distancie do mundo concreto da realidade comum, mundo este que, sem a ajuda dos contos de fadas para explicá-lo, se torna uma carga demasiada áspera e severa para o desenvolvimento da criança (COSTA E BAGANHA, 1989).

Depois e embora comecem de uma forma quase sempre realista, esta realidade nunca se iguala com a realidade física da criança. Por muito abandonada que a criança se sinta, os seus pais nunca a abandonarão de fato numa floresta (ex.: “Hansel e Gretel”) ou nunca a porão a dormir nas cinzas (ex.: “A Gata Borralheira”). Logo a seguir acontecem coisas que mostram que a lógica, a causalidade normais estão suspensas. O herói parte para aventuras fantásticas, depois de se sentir ameaçado por alguém ou alguma coisa. No final da história, o herói volta à realidade – uma realidade feliz, depois de os maus terem sofrido o castigo merecido, mas esta realidade é de novo destituída de mágica (COSTA E BAGANHA, 1989, p. 117).

A magia dos contos de fadas está em mostrar à criança a ponte que liga realidade e fantasia, e isso acontece através dos símbolos, comparações que colocam a criança frente com seus problemas diários, suas dificuldades e medos. Os espaços físicos escritos nos contos são formas de descrever o inconsciente reprimido do ser pueril, e fazê-los pensar nas diversas possibilidades de alcançar a vitória.

O herói simboliza a própria criança que se transforma para resolver as adversidades da vida através da fantasia, mas sempre retorna à realidade, feliz, porque conquistou sua vitória. Todas as batalhas e lutas que o herói enfrenta nos contos de fadas simboliza o crescimento da criança, crescer é símbolo de conquistas.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi elaborado baseando-se em leituras relacionadas sobre a importância dos contos de fada na vida da criança. Inicialmente foi abordada a função que esta literatura tem na fase infantil, oferecendo ajuda ao ser humano na compreensão de seus conflitos internos e proporcionando ferramentas para uma resolução, oportunizando dessa forma, um processo de autoconhecimento. Para tanto foi destacado o ponto de vista da criança em relação aos contos de fada, considerando o processo intuitivo que leva a compreensão e leitura de mundo, a vida em sociedade e as dificuldades que atuam nela.

Em seguida, foi analisada a relação de realidade e fantasia nos contos de fada, esclareceu-se que através da fantasia é possível a criança compreender mais facilmente sua realidade, através da linguagem simbólica a criança elabora sua fantasia por meio de elementos da realidade o que a leva a reorganizar seus pensamentos em relação ao mundo e ao outro e a buscar soluções para as dificuldades que encontrará em sociedade.

A criança é levada, através dos contos de fada, a mundos os mais distantes o mundo do faz de conta, onde tudo é passível de solução onde o inconsciente tem a possibilidade de vir à tona e ser analisado e compreendido, terminada a leitura, esses contos a devolve ao mundo da realidade como herói que alcançou seu êxito enfrentando as adversidades que lhe foram impostas.

Também foi analisada a forte influência que os contos de fada têm no consciente e inconsciente do ser humano, pois através da linguagem dos contos, suas imagens e símbolos é possível emergir do inconsciente para o consciente às inúmeras indagações resultantes de impulsos e desejos que foram reprimidos e censurados, dessa forma ajudando na construção da personalidade.

Alguns contos foram interpretados, de acordo com estudiosos do tema, baseando-se numa análise psíquica da estrutura da personalidade, portando, foi explicado os processos mentais segundo Freud, e como os contos ajudam a entendê-los e a interpretá-los.

E por último foi abordada a importância do símbolo nos contos de fada, através do símbolo a criança vive e compreende inconscientemente sua realidade, percebe suas aflições e a possibilidade de eliminá-las, alcançando dessa forma uma evolução social. Portanto o símbolo pode ser visto como ferramenta terapêutica nos

contos de fada, pois produz o efeito de identificação, deixando que a criança não se sinta como ser isolado e perdido, mas sim pertencendo a um conjunto, parte de um todo.

O que se percebe afinal é o resultado positivo que os contos de fadas trazem ao crescimento da criança, as faz refletir sobre a convivência com o outro e como lidar com suas emoções, medos, ansiedades e desejos e o mundo complexo que a rodeia, portando os contos de fada lhe oferece significados para entender-se como ser humano, podendo assim alcançar o entendimento do outro dentro da sociedade.

Portanto este material poderá ser um suporte para professores do ensino fundamental I, propiciando às crianças momentos de prazer e crescimento, de identificação e autoconhecimento. Abordando através dos contos de fada temas polêmicos que fazem parte do convívio social e que são de difícil compreensão no universo infantil sem o apoio desta literatura.

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro. 16ª ed. - Paz e Terra, 2002. Disponível em: <http://sal.uniriotec.br/livros/BETTELHEIN, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas>

COSTA, Isabel Alves; BAGANHA, Filipina. **Lutar para dar um sentido à vida – Os contos de Fadas na Educação de Infância**. 2 ed. – Rio Tinto/ Portugal: Edições Asa, 1989.

CRUZ, Roseli Fontana Nazaré. **A Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

Editora 32 – Duas Cidades. Disponível em: CANDIDO, Antonio. **A Literatura na formação do homem**. Textos de intervenção. [http://books.google.com.br/books/about/Textos\\_de\\_intervenção](http://books.google.com.br/books/about/Textos_de_intervenção)

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da Literatura nas séries iniciais**. 4. ed. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2005 – 120 p.

FRANZ, Maria Louise Von. **A Interpretação dos contos de fada**. São Paulo. 3ª ed. – Paulus, 1990.

GOÉS, Lucia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. Ed. – São Paulo: Pioneira, 1991.

ORGANIZADORAS: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Eliana Marina Brida, MACHADO, Maria Zélia Versiani - **Escolarização da leitura literária** - 2ª ed., 2ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

**REVISTA DO PROFESSOR** – Editora CPOEC – Rio Pardo – RS - Abril a Junho de 1994 – ano X – nº. 38

SOUZA, Renata Junqueira de – **Caminhos para a formação do leitor** - 1. Ed. – São Paulo: DCL 2004. Vários autores. Bibliografias. ISBN 85-7338-927-3

<http://www.psicoloucos.com/Psicanalise/id-ego-e-superego.html>

<http://www.dicio.com.br/pesquisa.Php>



**ANEXOS**

## **A GATA BORRALHEIRA – VERSÃO IRMÃOS GRIMM**

Era uma vez um homem rico que tinha uma mulher que adoeceu e que, quando sentiu o seu fim aproximar-se, chamou a filha única à cabeceira dizendo-lhe.. “Querida filha, continua piedosa e boa que o bom Deus virá sempre em teu auxílio e eu lá do céu velarei por ti”. E depois disto fechou os olhos e morreu. A filha ia todos os dias ao túmulo da mãe chorar e continuou piedosa e boa. Quando o inverno chegou a neve cobriu o túmulo com um tapete branco e, na altura em que o sol da Primavera o derreteu, o homem casou-se outra vez.

A mulher trouxe duas filhas que eram lindas e brancas no rosto, mas feias e negras no coração. “Esta pata-choca vai ficar conosco na sala?”, disseram. “Quem quer comer pão tem que o ganhar, fora, porcalhona”. Tiraram-lhe os lindos vestidos, vestiram-lhe uns trapos cinzentos e calçaram-lhe tamancos de madeira. “Olhem só para a linda princesa, vejam como ela está elegante”, disseram, rindo. E levaram-na para a cozinha. E aí teve que trabalhar duramente de manhã à noite, levantar-se antes do nascer do sol, ir buscar água, acender lume, tratar da comida e lavar a roupa. E como se isto ainda não bastasse, as duas irmãs faziam-lhe todas as patifarias possíveis, troçavam dela, misturavam-lhe as ervilhas e as lentilhas, obrigando-a a ficar na cozinha para separá-las de novo. Quando chegava à noite, extenuada do trabalho, não tinha uma cama pra descansar tendo que se deitar perto da lareira, nas cinzas. Como ficava com um ar empoeirado e sujo chamava-lhe a Gata Borralheira.

Então um dia, o pai foi à feira e perguntou às duas enteadas o que é que queriam que lhes trouxesse. “Lindos vestidos”, disse uma. “Pérolas e pedras preciosas”, disse a outra. “E tu, Gata Borralheira, o que é que queres? Perguntou, - Pai, o primeiro ramo que no caminho do regresso bata no seu chapéu, colha-o para mim.” E, assim, ele comprou para as duas irmãs lindos vestidos, pérolas e pedras preciosas. No caminho do regresso, quando passava a cavalo por um bosque que verdejante, um ramo de aveleira roçou-o e triou-lhe o chapéu. Quebrou o ramo e levou-o consigo. Chegando a casa, deu às enteadas o que lhe tinham pedido e à Gata Borralheira o ramo. Ela agradeceu-lhe, foi junto do túmulo da mãe, plantou o ramo e chorou tanto que as lágrimas o regaram, assim foi crescendo e tornou-se uma bela árvore. E três vezes por dia a Gata Borralheira ia chorar e rezar debaixo da

sua árvore, de todas às vezes, um pequeno pássaro branco pousava e, quando ela exprimia um desejo, o pássaro deixava cair entre as suas mãos o que ela tinha desejado.

Ora acontece que o rei deu uma festa que devia durar três dias e convidou todas lindas raparigas do país para que o filho pudesse escolher uma noiva. Quando as duas irmãs souberam que também iriam, ficaram doidas de alegria, chamaram a Gata Borracheira e disseram-lhe: “Penteia-nos os cabelos, escova os nossos sapatos e aperta bem as fivelas porque vamos ao noivado no castelo rei.” A Gata Borracheira obedeceu, mas chorou muito, porque também queria ir ao baile e rogou à sua madrasta que a deixasse ir. “Mas, disse esta, tu estás cheia de pó e de porcarias e queres ir ao noivado? Não tens vestido, nem sapatos e queres ir dançar?”. Contudo, como a Gata Borracheira persistisse nos seus pedidos, a madrasta acabou por dizer: “Deitei um prato de lentilhas nas cinzas, se as separares em duas horas, irás conosco.” A rapariga saiu para o jardim pela porta de trás e gritou.. “Dóceis pombos, rolas e todos os pássaros dos céus venham ajudar-me a escolher..

Os grãos bons no prato,

E os maus no papo.”

Então, duas pombas brancas entraram pela janela da cozinha, depois as pequenas rolas, enfim todos o pássaros do céu foram chegando num frêmito de asas, esvoaçaram e pousaram junto às cinzas. Os pombos inclinaram as cabecitas e começaram pic, pic, pic e os outros também se puseram pic, pic, pic e juntaram todos os grãos bons no prato. Uma hora depois estava já tudo acabado e saíram voando. A rapariguinha foi mostrar o prato à madrasta, muito contente, porque acreditava que teria o direito de ir ao baile. Mas ela disse-lhe: “Não, Gata Borracheira, tu não tens fatos, nem sabes dançar.. só iam fazer troças de ti. “Mas como a Gata Borracheira começasse a chorar, disse-lhe.. “Se tu conseguires tirar das cinzas dois pratos de lentilhas numa hora, irás conosco”, mas pensava.. “Nunca o conseguirá.” Quando a madrasta espalhou os dois pratos nas cinzas, a rapariguinha saiu para o jardim pela porta de trás e gritou.. “Dóceis pombos, rolas e todos os pássaros do céu, venham ajudar-me a separar”.

Grãos bons no prato,

E os maus no papo.

Então, duas pombas brancas entraram pela janela da cozinha, depois as pequenas rolas, enfim todos os pássaros do céu foram chegando num frêmito de asas,

esvoaçaram e pousaram junto às cinzas. Os pombos inclinaram as cabecitas e começaram pic,pic,pic e os outros também se puseram pic,pic,pic e juntaram todos os grãos bons nos pratos. E antes que tivesse passado meia hora já tinham tudo acabado e saíram a voar. A jovem levou os pratos à madrasta, muito contente porque acreditava que agora poderia acompanhá-la ao baile. Mas esta respondeu-lhe.. “Isso não serviu para nada, não virás conosco, porque não tens fatos nem sabes dançar, seria uma vergonha para nós”. Depois lhe virou as costas e apressou-se a partir com as duas orgulhosas filhas.

Quando já não havia ninguém em casa, a Gata Borracheira foi junto ao túmulo da mãe, debaixo da aveleira, e gritou..

“Arvorezinha, agita-te e sacode-te, sim?

Atira ouro e prata para cima de mim.”

Então o pássaro lançou-lhe um vestido de ouro e prata e sapatinhos bordados a seda e prata. Pôs o vestido à pressa e foi à festa. As irmãs e a madrasta não a reconheceram e pensaram que devia ser uma princesa estrangeira, tão bela estava nos seus trajes de ouro. Nunca lhes passou pela cabeça que fosse a Gata Borracheira, pois pensavam que estava em casa, sentada na porcaria, a procurar lentilhas entre as cinzas. O filho do rei aproximou-se dela, tomou-a pela mão e dançaram. O príncipe não quis dançar com mais ninguém, nem nunca lhe largou a mão e quando um cavalheiro vinha convidá-la, dizia-lhe:

“É a minha dama.”

Dançou até à noite, mas nessa altura quis voltar para casa. O filho do rei disse.. “Vou contigo para te acompanhar”, porque queria saber a quem pertencia aquela linda jovem. Mas ela escapou-se-lhe saltando para o pombal. Então, o filho do rei esperou pelo pai dela e disse-lhe que a jovem desconhecida tinha saltado para o pombal. O velho perguntou-se se não seria a Gata Borracheira e tiveram que lhe trazer um machado e uma picareta para deitar abaixo o pombal. Mas lá dentro não estava ninguém. E quando entraram na casa, a Gata Borracheira estava deitada na cinza com as suas sujas roupas enquanto uma pequena lamparina a óleo lançava uma tênue e trêmula luz na chaminé. A Gata Borracheira tinha saltado agilmente pelas traseiras do pombal e tinha corrido para a aveleira. Aí tirou as belas roupas, pô-las sobre o túmulo e o pássaro levou-as, depois vestiu os trapos cinzentos e sentou-se junto à lareira, na cozinha.

No dia seguinte, como a festa tinha recomeçado e os pais e as irmãs já tinham partido, a Gata Borralheira foi ao pé da aveleira e disse..

“Arvorezinha agita-te e sacode-te, sim”?

“Atira ouro e prata para cima de mim.”

Então o pássaro lançou-lhe um vestido ainda mais esplendoroso que o da véspera e quando ela apareceu na festa todos se extasiaram com a sua beleza. Mas o filho do rei esperava-a, tomou-a logo pela mão e só dançou com ela. Quando os outros vinham convidá-la, dizia.. “É a minha dama.” Quando chegou a noite quis partir e o filho do rei seguiu-a para ver em que casa entrava. Mas ela escapou-se saltando para o jardim atrás da casa onde havia uma árvore grande e bela coberta pelas mais maravilhosas peras, trepou pelos ramos, lesta como um esquilo, e o príncipe não soube por onde ela tinha passado. Mas esperou pelo pai e disse-lhe.. “ A jovem desconhecida escapou-se-me e creio que saltou para a pereira. “O pai perguntou-se.. “Será a Gata Borralheira?” Mandou buscar um machado e abateu a árvore, mas não havia lá ninguém. E quando entraram na cozinha a Gata Borralheira estava deitada nas cinzas, como de costume, tinha saltado para o chão, pelo outro lado da árvore, e levado os seus belos vestidos ao pássaro da aveleira e posto os seus trapos cinzentos.

No terceiro dia, quando os pais e as irmãs se foram embora, a Gata Borralheira voltou ao túmulo da mãe e disse à árvore..

“Arvorezinha, agita-te e sacode-te, sim?”

Atira ouro e prata para cima de mim.”

Então o pássaro lançou-lhe um vestido que era tão sumptuoso e brilhante que nunca se tinha visto nada de parecido e uns sapatinhos de ouro. Quando chegou à festa, todos ficaram maravilhados. O filho do rei só dançava com ela e, quando alguém a convidava, dizia.. “É a minha dama.”

Chegada a noite, a Gata Borralheira quis ir-se embora e o filho do rei quis acompanhá-la mas escapou-se-lhe tão depressa que não a pode seguir. Só que o príncipe tinha sido astuto e mandara cobrir a escadaria com pez. Ora, como a jovem descia aos saltos, o sapatinho esquerdo ficou preso. O príncipe apanhou-o, era pequenino e delicado, todo de ouro. No dia seguinte veio procurar o pai e disse-lhe..”Só tomarei por esposa aquela que puder calçar este sapatinho de ouro.” Então as duas irmãs ficaram muito contentes porque tinham lindos pés. A mais velha levou o sapatinho para experimentá-lo no quarto onde estava a mãe, mas não conseguiu

fazer entrar o dedo grande do pé. O sapatinho era pequeno demais para ela. A mãe estendeu-lhe uma faca e disse-lhe: “Corta o delo, quando fores rainha já não precisarás andar a pé.” A rapariga cortou o dedo, forçou o pé a entrar no sapatinho e foi ter com o príncipe, que a pôs no cavalo como sua noiva e partiu com ela. Mas tiveram de passar em frente do túmulo e as duas pombas da aveleira estavam lá e gritaram..

Trrruu-é, trrruu-é!

Há sangue no pé.

O sapato não dá.

A noiva verdadeira ficou lá.

Então o príncipe olhou para o pé e viu que escorria sangue. Voltou para trás a toda a brida, levou a falsa noiva para casa dizendo não ser aquela a verdadeira e que era preciso que a outra irmã experimentasse o sapato. Esta foi para o quarto e conseguiu que os dedos entrassem, mas o calcanhar era demasiado grande. Então a mãe estendeu-lhe a faca e disse-lhe.. “Corta um bocado do calcanhar. Quando fores rainha já não precisarás andar a pé.” A jovem cortou um bocado do calcanhar, forçando o pé a entrar no sapato, reprimiu a dor e foi ao encontro do príncipe. Ele pô-la no cavalo como sua noiva e partiu com ela. Quando passaram em frente da aveleira as pombas que lá estavam pousadas gritaram..

Trrruu-é, trrruu-é!

Há sangue no pé.

O sapato não dá.

A noiva verdadeira ficou lá.

O príncipe baixou os olhos para o pé e viu que o sangue corria pelo sapato e subia vermelho ao longo das meias brancas. Voltou para trás a toda a brida e levou a falsa noiva para casa dela. “Esta também não é a verdadeira, disse, não tendes nenhuma outra filha? – Não, disse o homem, mas tenho ainda da minha defunta mulher uma tontinha de uma Gata Borracheira. É impossível que seja ela a noiva.” Então o filho do rei disse que era preciso mandar buscá-la, ao que a mãe respondeu.. “Isso não. Está muito suja e não pode mostrar-se.” Mas o príncipe insistiu e foi preciso chamar a Gata Borracheira. Ela lavou primeiro as mãos e o rosto, depois apareceram e inclinaram-se diante do filho do rei, que lhe estendeu o sapatinho de ouro. À seguir, sentou-se num banqueto, descalçou o pesado tamanco e meteu o pé no sapatinho que lhe assentava como uma luva. E quando se ergueu, o príncipe viu-lhe o rosto

reconhecendo a jovem com que tinha dançado e exclamou..”Esta é a verdadeira noiva.” A madrasta e as duas irmãs ficaram apavoradas e brancas de raiva. Mas o príncipe pôs a Gata Borralheira no seu cavalo e partiu com ela. Quando passaram em frente da aveleira, as duas pombas brancas gritaram..

Trrruu-é, trrruu-é!

Não há sangue no pé.

O sapato já dá.

É a noiva verdadeira quem vem lá.

E quando acabaram de dizer isto, desceram ambas e pousaram nos ombros da Gata Borralheira, uma do lado direito e outra do lado esquerdo, e aí ficaram empoleiradas. Durante as bodas, as pérfidas irmãs vieram vê-la e tentaram cair-lhe nas boas graças para partilharem da sua fortuna. Quando os noivos iam para a igreja, a mais velha caminhava à direita e a mais nova à esquerda. Então as pombas desceram e picaram um olho a cada uma delas. E foi assim que, pela sua maldade e perfídia, foram punidas com a cegueira para o resto dos seus dias.

## **A GATA BORRALHEIRA – VERSÃO DE PERRAULT**

Era uma vez um fidalgo que casara em segundas núpcias com a mulher mais arrogante e orgulhosa que alguma vez se viu, mãe de duas filhas como ela e iguais como duas gotas de água. O marido também tinha uma filha, mas esta era doce e boa como a sua mãe, que fora a melhor pessoa do mundo.

Assim que se casaram, a madrasta mostrou logo que era muito má. Não podia suportar as boas qualidades da rapariguinha, pois, ao lado dela, as suas filhas pareciam ainda mais antipáticas. Por isso, começou a obrigá-la a fazer os trabalhos domésticos mais humildes: tratava da cozinha, limpava as escadas, arrumava os quartos da senhora e das suas filhas; dormia no sótão, num colchão de palha, enquanto as irmãs dormiam em quartos bonitos, com espelhos onde se podiam ver da cabeça aos pés. A pobre menina suportava tudo aquilo com paciência e não se queixava ao pai, porque sabia que ele lhe ralharia.

Quando acabava de limpar a casa, a boa rapariga refugiava-se a um canto da lareira e sentava-se nas cinzas. Por isso chamavam-lhe Gata Borralheira. Esta, porém, com os seus pobres vestidinhos, era cem vezes mais bonita do que as suas meias-irmãs que, no entanto, se vestiam como grandes senhoras.

Um dia o filho do rei organizou um baile e convidou todas as pessoas importantes. As duas irmãs foram convidadas, porque eram pessoas distintas no país. Começaram logo a escolher os vestidos e os penteados mais bonitos, cheias de alegria. A Gata Borralheira, coitada, teve que engomar os saíotes e os punhos dos vestidos das irmãs. Em casa só se falava do modo como iriam vestidas na noite da festa.

- Eu - decidiu a mais velha - vou levar o vestido de veludo vermelho com guarnição de renda da Inglaterra.

- Eu - declarou a mais nova - vou vestir o meu vestido do costume mas com o manto de flores de ouro e o colar de diamantes. Ficaré um fato invulgar!

Chamaram as melhores cabeleireiras que lhes fizeram duas filas de caracóis. Por fim, chamaram a Gata Borralheira, cujo gosto muito apreciavam, para que desse a sua opinião. Ela deu-lhes ótimos conselhos, além de se oferecer para as ajudar a vestir, o que aceitaram imediatamente.

Enquanto as vestia e penteava, as meias-irmãs perguntaram:

- Ó Gata Borralheira, gostavas de ir ao baile?

- Ah, meninas, estão a troçar! Essa festa não é para mim!

- Tens razão! Até dava vontade de rir, ver uma Gata Borralheira como tu num baile!

Qualquer outra rapariga no lugar dela teria feito tudo para vesti-las mal, mas como era boa, vestiu-as melhor do que ninguém. As meias-irmãs fizeram dieta, não comeram durante dois e ficaram com cinturas de vespa.

Chegou finalmente o grande dia e as irmãs partiram. A Gata Borralheira seguiu-as com os olhos enquanto pôde e, quando desapareceram, desatou a chorar. A madrinha, que tinha vindo visitá-la, quis saber o que se passava.

- Eu queria... eu queria... - a Gata Borralheira chorava de tal maneira que nem conseguia falar.

A madrinha, que era uma fada, consolou-a:

- Também querias ir ao baile, não é?

- É isso mesmo - suspirou.

- Bem, prometi a mim própria ajudar-te e vou fazer com que vás ao baile - garantiu a madrinha. - Vai à horta e traz-me uma abóbora.

A Gata Borralheira foi a correr buscar a abóbora mais bonita que conseguiu encontrar.



A madrinha esvaziou-a muito bem, até ficar só a casca, bateu-lhe com a varinha mágica e, de um momento para o outro, ela transformou-se numa linda carruagem completamente dourada.

A seguir, foi ver a ratoeira onde encontrou seis ratinhos ainda vivos. Pediu à Gata Borralheira que levantasse o ferro que os prendia e mal cada ratinho saía tocava-lhe com a varinha mágica. Imediatamente ele se transformava num belo cavalo. Assim conseguiu seis cavalos magníficos, cinzentos cor de rato. Mas como não soubesse de que havia de fazer o cocheiro, a Gata Borralheira lembrou:

- Vou ver se na outra ratoeira há algum rato, para fazer o cocheiro.

- Está bem - concordou a madrinha. - Vai ver.

Daí a pouco regressou com a ratoeira onde havia três grandes ratos. Dos três, a Fada escolheu o que tinha os bigodes mais compridos e, ao tocar-lhe, transformou-o num belo cocheiro com o bigode mais bonito que alguma vez se viu. Depois, a fada mandou:

- Vai ao jardim. Por trás do regador, encontrarás seis lagartos. Trá-los cá.

A Gata Borralheira obedeceu imediatamente. Trouxe os lagartos que a madrinha logo transformou em seis lacaios de librés magníficas. Estes subiram para a parte de trás da carruagem e ficaram lá, bem direitos como se nunca na vida tivessem feito outra coisa.

Por fim, a fada perguntou:

- Aqui tens tudo o que é preciso para ires ao baile. Estás contente?

- Oh sim! Mas como hei - de ir com este vestido tão feio?

Mal a fada lhe tocou com a sua varinha, o pobre vestido transformou-se completamente. A Gata Borralheira tinha agora um vestido de brocado de ouro e prata, todo salpicado de pedras preciosas. Nos pés, um par de maravilhosos sapatinhos de cristal. Assim vestida, subiu para a carruagem.

A madrinha recomendou-lhe então que não voltasse depois da meia-noite, avisando-a de que, se ficasse no baile mais um minuto que fosse, a carruagem transformar-se-ia de novo em abóbora, os cavalos em ratinhos, os lacaios em lagartos e o vestido voltaria a ter o aspecto esfarrapado que ela conhecia.

A Gata Borralheira prometeu à madrinha que sairia do baile antes da meia-noite e partiu toda satisfeita.

O filho do rei, a quem fora anunciada a chegada de uma princesa desconhecida, correu a recebê-la, deu-lhe a sua mão para a ajudar a descer da carruagem e conduziu-a à sala. Fez-se um grande silêncio. Todos pararam de dançar. Os violinos deixaram de tocar. Todos ficaram espantados com a grande beleza da menina. Só se ouvia murmurar:

- Oh! Como é linda!

O próprio rei, embora velho, segredou baixinho à rainha que há muitos anos não via mulher tão bonita e graciosa. Nenhuma dama tirava os olhos dela. Observavam atentamente o penteado e o vestido, para o poderem imitar no dia seguinte, mal descobrissem um tecido tão bonito e modista tão habilidosa. O príncipe concedeu-lhe um lugar de honra e convidou-a para dançar. Ela dançou com tanta elegância que deixou todos maravilhados. Foi servido um magnífico refresco, que ele nem sequer provou, de tal modo estava encantado. Foi então que ela foi para junto das meias-irmãs.

Falou-lhes com delicadeza e ofereceu-lhes as laranjas e os limões que o príncipe lhe tinha oferecido, o que as encantou, tanto mais que não a reconheceram. Enquanto conversavam, a Gata Borralheira ouviu o relógio tocar um quarto para a meia noite. Imediatamente se despediu e partiu, rápida como o vento. Mal chegou a casa, foi ter com a madrinha. Agradeceu-lhe e disse-lhe que gostaria muito de ir à festa do dia seguinte, já que o filho do rei tanto lho tinha pedido. Enquanto lhe contava os pormenores da festa, as duas irmãs tocaram à porta e a Gata Borralheira foi abrir.

- Vieram tão tarde! - disse ela, esfregando os olhos e espreguiçando-se, como se tivesse acabado de acordar. Mas na verdade não sentia sono nenhum.

- Se tivesses ido ao baile - disse-lhe uma das irmãs - não te terias aborrecido. Estava lá a princesa mais bonita do mundo. Foi muito delicada conosco e ofereceu-nos laranjas e limões.

A Gata Borralheira não cabia em si de contente. Perguntou o nome da princesa, mas as irmãs não sabiam.

Contaram-lhe, porém, que o filho do rei queria muito saber quem ela era e que, para o saber, daria o que quer que fosse. A Gata Borralheira sorriu e disse:

- Então ela devia realmente ser muito bonita! Meu Deus, que sorte a vossa! Como gostava de a ver! Menina Julieta, empresta-me só por esta vez o seu vestido amarelo, o que usa todos os dias?

- Aquele que eu também quero? - Perguntou Julieta. - Emprestar o meu vestido a uma Gata Borralheira como tu? Só se eu fosse maluca!

A menina já esperava esta resposta e, por isso, ficou contente, pois estaria metida num grande sarilho se a meia-irmã lhe tivesse emprestado o vestido.

Na noite seguinte as duas irmãs foram de novo ao baile. A Gata Borralheira também foi, vestida de forma ainda mais luxuosa do que da primeira vez. O filho do rei não a deixou nem um momento e todo o serão lhe segredou frases apaixonadas e galantes. A menina, que não estava nada aborrecida, esqueceu-se das recomendações da madrinha de tal modo que, quando ouviu a primeira badalada da meia-noite, pensou que ainda fosse onze horas. Mas, ao dar-se conta do que se passava, levantou-se e fugiu, ligeira como um gamo. O príncipe correu atrás dela, mas não a conseguiu apanhar. Ao fugir, a Gata Borralheira perdeu um sapatinho de cristal que ele guardou com o maior carinho.

A Gata Borralheira chegou a casa sem fôlego, sem carruagem, nem lacaios. Trazia o vestido com que costumava andar e, de todo o luxo, apenas lhe restava um dos sapatinhos. Tinha perdido o outro no caminho. Tentaram saber se os porteiros do palácio real haviam visto sair alguma princesa, mas eles responderam que não saíra ninguém, a não ser uma rapariga tão mal vestida que mais parecia uma camponesa. Quando as irmãs regressaram do baile, logo a Gata Borralheira lhes perguntou se se tinham divertido e se lá estava também aquela linda senhora. Que sim, mas que fugira no momento em que batia a meia-noite, e tão depressa que deixara cair um dos seus sapatinhos de cristal, o sapatinho mais bonito do mundo. Que o filho do rei o tinha guardado e não fizera outra coisa senão olhar para ele enquanto durou o baile, o que queria dizer que se apaixonara perdidamente pela linda senhora a quem o sapatinho pertencia.

As irmãs diziam a verdade. Com efeito, poucos dias depois, o príncipe mandou proclamar ao som das trombetas que casaria com a menina em cujo pé o sapatinho servisse perfeitamente. Em primeiro lugar experimentaram as princesas, depois as duquesas e todas as damas da corte, mas em vão. O sapatinho acabou por chegar a casa das duas irmãs, que fizeram o impossível para o calçarem, mas não conseguiram. A Gata Borralheira, que as observava e que reconhecera o sapatinho, acabou por sugerir:

- Vejamos se me serve a mim!

As irmãs desataram a rir e a fazer pouco dela. O cavalheiro encarregado de experimentar o sapatinho, encantado com a beleza da Gata Borralheira, achou que era justo, uma vez que tinha ordem para que todas as meninas do reino o experimentassem. Deixou-a sentar-se e tentou calçar-lhe o sapatinho. Servia-lhe como uma luva. Grande foi o espanto das irmãs. Porém, maior ficou quando a Gata Borralheira tirou do bolso o outro e o calçou no outro pé.

Nesse momento chegou a madrinha que tocou com a varinha de condão nas roupas da Gata Borralheira, tornando-as mais luxuosas que nunca. Foi então que as irmãs reconheceram nela a linda senhora do baile e, ajoelhando-se aos seus pés, pediram-lhe desculpa pelos maus tratos. A Gata Borralheira mandou-as levantarem-se e abraçou-as. Disse-lhes que lhes perdoava do fundo do coração e pediu-lhes que gostassem sempre dela. Depois, magnificamente vestida, foi levada à presença do príncipe, aos olhos de quem parecia ainda mais bonita, e casaram poucos dias depois. Como tinha tanto de bondosa como de bonita, convidou as duas meias-irmãs a irem ao palácio e, nesse mesmo dia, casou-as com dois fidalgos.

### **“OS TRÊS PORQUINHOS”**

Era uma vez uma velha porca que tinha três porquinhos e como não os podia sustentar mandou-os pelo mundo fora em busca de fortuna.

O primeiro que partiu encontrou um homem que levava um molho de palha, e disse..

- Homem, por favor, dá-me essa palha para que eu fazer uma casa.

O homem deu-lhe, e o porquinho fez com ela uma casa.

Pouco depois chegou o lobo que bateu à porta e pediu..

- Porquinho, porquinho, deixa-me entrar.

Ao que o porquinho respondeu..

- Ah, isso é que não deixo, pela minha saudinha.

O lobo replica então..

- Olha que eu sopro e faço a tua casa ir pelo ar.

E soprou, soprou, até que a casa do porquinho foi pelo ar.

Depois o comeu.

O segundo porquinho, na sua jornada pelo mundo, encontrou um homem com um molho de varas e disse-lhe..

- Homem, por favor, dá-me essas varas para eu fazer uma casa.

O homem deu-lhe, e o porquinho fez com elas uma casa.

Logo apareceu o lobo que lhe falou assim..

- Porquinho, porquinho, deixa-me entrar.

- ah, isso é que não deixo, pela minha saudinha.

- Então eu sopro, sopro e faço a tua casa ir pelo ar.

E soprou, soprou, soprou até que a casa do porquinho foi pelo ar. Depois o comeu.

O terceiro porquinho encontrou um homem com uma carga de tijolos, e disse-lhe..

- Homem, por favor, dá-me esses tijolos para eu fazer uma casa.

O homem deu-lhe os tijolos e ele construiu a sua casa.

Então o lobo apareceu e pediu-lhe..

- Porquinho, porquinho, deixa-me entrar.

- Ah, isso é que não deixo, pela minha saudinha.

- Então eu sopro, sopro, e faço a tua casa ir pelo ar.

E pôs-se a soprar, a soprar, a soprar, mas não conseguiu mover a casa, que era muito pesada.

Quando percebeu que não conseguia levar por diante os seus intentos, disse..

- Porquinho, eu sei onde há um lindo nabal.

- Onde é? – perguntou o porquinho.

- Numa horta aqui perto. Se tu estiveres acordado amanhã de manhã eu venho buscar-te, vamos lá os dois e comemos os nabos.

- Muito bem – disse o porquinho - Eu estarei acordado. A que horas queres ir?

- Às seis horas – respondeu o lobo.

Ora, o porquinho levantou-se às cinco horas na manhã seguinte e foi buscar os nabos antes do lobo chegar.

Às seis horas o lobo apareceu e perguntou..

- Porquinho, estás pronto?

- Pronto? Já lá fui e voltei e trouxe uma panela cheia de nabos para o meu jantar.

O lobo ficou muito zangado quando ouviu isto, mas pensou que, de uma maneira ou de outra, apanharia o porquinho e disse-lhe:

- Porquinho, eu sei onde há uma bela macieira carregadinha de maçãs.

- Onde é? – perguntou o porquinho.

- No fundo do parque – respondeu o lobo – E, se não me quiseres enganar, eu venho amanhã ter contigo às cinco horas, e apanharemos as maçãs.

Ora, o porquinho saiu de casa na manhã seguinte às quatro horas e foi em busca das maçãs esperando regressar antes que o lobo chegasse. Mas teve mais caminho para andar precisou subir à árvore porque as maçãs estavam muito altas. Por isso, quando se preparava para descer, viu o lobo aproximar-se, o que o deixou muito assustado.

Quando o lobo chegou à árvore, disse admirado:

- O que, porquinho? Vieste antes de mim... E que tal é as maçãs?

- Muito boas – respondeu o porquinho – Eu atiro-te uma. E atirou a maçã para tão longe que, enquanto o lobo corria para um lado, a fim de apanhá-la, ele teve tempo de descer da árvore e correr para o outro lado até a casa.

No dia seguinte, o lobo apareceu outra vez e disse ao porquinho..

- Porquinho, esta tarde há uma feira. Queres lá ir?

- Oh, sim, quero ir – disse o porquinho – A que horas estás pronto?

- As três – respondeu o lobo.

O porquinho saiu antes da hora, como era seu costume, e chegou à feira. Comprou uma pipa e ia com ela para casa quando viu o lobo aproximar-se. Não sabendo o que fazer, meteu-se na pipa para se esconder, mas, ao fazê-lo, pô-la a rolar, pelo monte abaixo, levando o porquinho lá dentro, o que assustou tanto o lobo que fugiu para sua casa e nem sequer foi à feira. Depois foi a casa do porquinho e contou-lhe como se assustara muito com uma coisa grande que vira descer o monte atrás dele.

O porquinho disse então:

- Ah, eu assustei-te? É que eu tinha ido à feira, e comprei lá uma pipa. E, quando te vi, meti-me nela e vim a rolar pelo monte abaixo.

Ao ouvir isto, o lobo ficou zangado e afirmou que ia comer o porquinho, e que, já que ele não lhe abria a porta, desceria pela chaminé para i-lo buscar.

Quando o porquinho viu que ele se preparava para fazê-lo, pendurou na chaminé uma panela cheia de água e acendeu o fogo por baixo. No momento em que o lobo descia pela chaminé, tirou a tampa da panela, e o lobo caiu lá dentro. O porquinho voltou a colocar a tampa na panela, e nessa noite comeu o lobo ao jantar.

E, depois de se ver livre do lobo, viveu feliz para sempre.

**APÊNDICE**

**APÊNDICE A: CRONOGRAMA DE ATIVIDADES****Tabela 01:** Atividades a serem desenvolvidas no projeto de pesquisa e na monografia.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	Meses	Ano: 2012
Elaboração do projeto		
Entrega do projeto		
Análise e aprovação do projeto		
Realização da pesquisa		
Atividade de orientação		
Orientação para elaboração do relatório da pesquisa		
Elaboração do relatório da pesquisa (monografia - versão preliminar)		
Entrega do relatório da pesquisa (monografia - versão preliminar)		
Apresentação da monografia		
Correção e entrega da monografia (versão final)		